



## notas sobre a noção de comunidade e de resistência ao poder em michel foucault

*guilherme castelo branco*

No final de seu itinerário filosófico, nas duas partes da primeira aula do curso *O governo de si e dos outros* (1982-1983), Michel Foucault surpreende, ao trazer a temática da modernidade e da loucura no triplo contexto das “formas de um saber possível, de matrizes normativas de comportamento, de modos de existências virtuais para sujeitos possíveis...”<sup>1</sup>. Foucault não subordina as suas análises a um pretense campo mais geral diante do qual sua análise das tecnologias políticas – postas em prática nas instituições sociais, como hospitais, orfanatos, quartéis, prisões – poderia ter alcance limitado e particular. Vejam a posição de Foucault sobre esta questão, em dois tempos: “É verdade que os problemas que eu levanto sempre dizem respeito a questões localizadas e particulares, como a loucura, as instituições psiquiátricas, ou, ainda, as prisões. Se nós queremos levantar questões de modo rigoroso, não devemos procurá-las

*Guilherme Castelo Branco é professor no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenador do Laboratório de Filosofia Contemporânea da UFRJ e pesquisador do CNPq e da FAPERJ.*



exatamente nas suas formas mais singulares e mais concretas? (...). É indispensável localizar os problemas por razões teóricas e políticas. Mas isto não significa que eles não sejam problemas gerais. Afinal, o que existe de mais geral senão a maneira pela qual uma sociedade se posiciona diante da loucura? O modo pelo qual ela se define como razoável? Como ela confere poder à razão e à sua própria razão?”<sup>2</sup>.

Para Foucault, a racionalidade política e o papel da filosofia, desde Kant e sua *Crítica*, foi e é o de impedir a razão de ir além de seus limites. A burocracia e os campos de concentração, com todo o seu aparato técnico-científico, com todas as competências funcionais a seu serviço, são prova cabal deste excesso da racionalidade em nossa época. Sua questão, portanto, não é de ordem moral, através da refutação do uso da racionalidade em nome de valores humanos, nem é a de procurar ter êxito na contestação do poder da razão, em nome de um campo extra-racional. Sobretudo, sua questão não se faz pela crítica à totalidade social, à racionalidade que presidiria ao mundo sócio-político considerado como um todo; mais especificamente, sua crítica possibilita que vejamos como, a partir da análise histórica de diversos campos menores e aparentemente menos importantes da vida social, se exercem modalidades de poder de tamanho macro-social em consonância com os poderes micropolíticos.

Para Foucault, o melhor caminho para demonstrar como ocorreram e ocorrem tais excessos técnico-científico-políticos é partir de experiências sociais e particulares, ainda assim absolutamente significativas e desveladoras de como são as práticas de dominação em curso em nossas sociedades, para chegar a análises de situações do presente histórico mais próximas do mundo efetivo das relações de



Notas sobre a noção de comunidade e de resistência ao poder...

poder: “sem dúvida, é mais sensato não considerar a racionalização da sociedade ou da cultura, mas acima de tudo analisar o processo em diversos domínios, em que cada qual remete a uma experiência fundamental: a loucura, a doença, a morte, o crime, a sexualidade, etc.”<sup>3</sup> Deste modo, trata-se de mostrar como um determinado aspecto da vida social tem o poder de desvelar as modalidades de funcionamento político mais globais da sociedade, o que põe no centro da cena o presente histórico, as relações possíveis entre a teoria e a prática, as lutas de resistência às práticas hegemônicas. A grande questão política não é grandiosa e imponente, pois a vida política acontece nas diversas técnicas de poder e na dinâmica sempre viva das relações de poder, com suas estratégias em constante transformação. É nos pequenos acontecimentos, nos focos menores e mais problemáticos das tecnologias de poder, que estão abertas as chaves para a análise dos excessos de poder na modernidade. Os campos que permitem a elucidação das dependências políticas específicas, e que exigem uma militância específica, são definidos por Foucault de uma maneira absolutamente transparente e coerente com todo o seu ideal de pensamento e ação, e se situam no vasto e sempre divisível universo da micropolítica.

Quando se refere ao conceito de “governamentalidade” e à sua razão de ser enquanto instrumento de análise política, Foucault nos dá uma imagem do contexto que representa um desafio: “por que abordar o forte e o denso com o fraco, o difuso e o lacunar?”<sup>4</sup>. Esta é a sua opção metodológica: ir para fora da instituição (vamos nos centrar no caso dos hospitais psiquiátricos), deslocar-se da questão interna da instituição para encontrar, a partir dela, fora dela, uma modalidade de tecnologia de poder segun-



do uma perspectiva mais geral e universal. Com a ressalva de que se trata de um universal amparado, alicerçado no particular, e estreitamente vinculado a ele. Um estranho e paradoxal universal-particular. A questão, para Foucault, é tirar a loucura e as instituições psiquiátricas da periferia das questões sociais e políticas para, então, situá-las no centro do questionamento político, e assim revelar muitas faces insuspeitadas do mundo em que vivemos. Sua questão é a mesma daquelas pessoas preocupadas com o presente e o mundo que as circundam. O ponto de partida deste diagnóstico do presente, portanto, são as técnicas de poder particulares e que contém as bases para uma análise mais geral do poder e de sua transformação possível.

Foucault, conscientemente, reconhece que partilha de uma comunidade de pensadores militantes que não se conheceram nem trabalharam diretamente, mas que ajudaram a esclarecer e a dar um novo sentido à análise do mundo atual, por meio de uma sintonia intelectual e política: “Não estou seguro, por exemplo, de que no momento em que eu escrevi *História da Loucura* existisse um ‘nós’ pré-existente e acolhedor, aos quais teria sido suficiente que eu me dirigisse a eles para que recebessem meu livro enquanto uma expressão espontânea. Entre Laing, Cooper, Basaglia e eu não havia nenhuma comunidade nem nenhuma relação. Mas o problema foi levantado pelos que nos leram, se impôs também para alguns dentre nós, o de saber se era possível constituir um ‘nós’ a partir do trabalho que fizemos, e de tal natureza que se pudesse formar uma comunidade de ação”<sup>5</sup>. Este tema do “nós”, de uma comunidade de pensamento e de ação, para Foucault, está no cerne da questão filosófica iluminada pelo *Aufklärung* kantiano: “... a prática filosófica, ou acima de tudo o filósofo, sustentando seu discurso



Notas sobre a noção de comunidade e de resistência ao poder...

filosófico, não pode deixar de levantar a questão de seu pertencimento ao presente. O que significa dizer que não será mais simplesmente, ou não será de modo algum a questão de seu pertencimento a uma doutrina ou a uma tradição que lhe é oferecida; não será, também, a questão de seu pertencimento à comunidade humana em geral, mas será a questão de seu pertencimento ao presente, ou, se vocês quiserem, a um 'nós' que se refere, segundo uma extensão mais ou menos larga, a um conjunto cultural característico de sua própria atualidade. É este 'nós' que deve se tornar, para o filósofo, ou está em vias de se tornar para o filósofo, o objeto de sua própria reflexão. E, por esta mesma razão, afirma-se a impossibilidade de se fazer a economia da interrogação, pelo filósofo, de seu pertencimento singular a este 'nós'. (...) este 'nós' do qual ele faz parte e por relação ao qual ele deve se situar, é isto, ao meu entender, que caracteriza a filosofia como discurso da modernidade, como discurso sobre a modernidade"<sup>6</sup>.

As lutas contra as variadas formas de fascismo e assujeitamento só podem acontecer num efetivo campo de afrontamento entre forças distintas, no interior das relações de poder, onde a agonística comparece a todo instante, inclusive no mundo pessoal e subjetivo. Foucault aponta para novas formas de vida e novos campos de experimentação políticos, dentre elas “esta arte de viver contrária a todas as formas de fascismo”<sup>7</sup>. A arte de viver implica num modo de vida incansavelmente criativo, no qual nos fazemos e nos desfazemos sempre que algo nos impulsiona, a partir de um cuidado de si pelo qual uma vida autônoma advém do rompimento com os grupos de poder e com as instituições hegemônicas de uma estrutura social determinada.



A posição libertária de Foucault, portanto, consiste numa posição política em parte pessoal, em parte coletiva: “o indivíduo é produto do poder. O que é necessário é ‘desindividualizar’, pela multiplicação, deslocamento, e pelos diversos agenciamentos. O grupo não deve ser o laço orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de ‘desindividualização’”<sup>8</sup>. As lutas de resistência se dão no plano individual e no plano coletivo ou comunitário, e residem na agonística em torno da subtração das coletividades e das individualidades aos procedimentos e técnicas da sociedade de controle. Algumas maneiras de resistência são apontadas como sendo contra-condutas: “a partir da metade do século XVIII, toda uma série de contra-condutas que tiveram por objetivo, essencialmente, recusar a razão de Estado, as exigências fundamentais desta razão de Estado (...) com elementos que são: a sociedade em oposição ao Estado, a verdade econômica por oposição ao erro, à incompreensão, à cegueira, o interesse de todos por oposição ao interesse particular, o valor absoluto da população como realidade natural e viva, a segurança por oposição à insegurança e ao perigo, a liberdade por oposição à regulamentação”<sup>9</sup>.

Um dos elementos mais importantes da vida política, portanto, é a vida e as lutas comunitárias, para fora do campo partidário. Esta é uma posição que Foucault defende em muitas ocasiões: “eu não creio que os partidos políticos tenham produzido nada de interessante, na ordem de problematização da vida social. Podemos nos perguntar se os partidos políticos, a partir do século XIX, não são a mais estéril invenção política. A esterilidade política intelectual, para mim, é um dos fatos mais marcantes de nossa época”<sup>10</sup>.



Notas sobre a noção de comunidade e de resistência ao poder..

Talvez o grande tema de Foucault seja o dos desafios abertos pelas comunidades dos homens livres, saídos do assujeitamento, e em defesa da vida, tendo que inventar as estratégias e os problemas políticos inerentes ao seu tempo.

## Notas

<sup>1</sup> Michel Foucault. *Le gouvernement de soi et des autres (Cours au Collège de France 1982-1983)*. Paris, Seuil/Gallimard, 2008, p. 5.

<sup>2</sup> Michel Foucault. “*Entretien avec Michel Foucault*” in *Dits et Ecrits IV*. Paris, Gallimard, 1994, p. 84.

<sup>3</sup> Michel Foucault. “*Le sujet et le pouvoir*”, in *Dits et écrits IV*, 1994, p. 225.

<sup>4</sup> Michel Foucault. *Sécurité, territoire, population (Cours au Collège de France 1977-1978)*. Paris, Gallimard/Seuil, 2004, p. 120.

<sup>5</sup> Michel Foucault. “*Polemique, politique et problématisations*” in *Dits et écrits IV*. Paris, Gallimard, 1994a, p. 594.

<sup>6</sup> Michel Foucault, 2008, op. cit., p.14.

<sup>7</sup> Michel Foucault. “*Préface*” in *Dits et Ecrits III*. Paris, Gallimard, 1994, p. 135.

<sup>8</sup> Michel Foucault, 2004, op.cit., p. 135-136.

<sup>9</sup> Idem, p. 363.

<sup>10</sup> Michel Foucault. “*Interview avec Michel Foucault*” in *Dits et Écrits IV*, Paris, Gallimard, 1994, p. 690.



*Resumo*

*O artigo analisa aspectos da obra de Michel Foucault interessado em sua dimensão crítica, destacando a perspectiva agonística presente nas relações de poder nas quais homens e mulheres vivem e resistem. Pela analítica do poder foucaultiana, e por meio de seus conceitos de política e da arte de viver, é possível chegar a noções de poder, resistência e luta política que problematizam os conceitos e práticas tradicionais da militância centradas na crença da autonomia do indivíduo.*

*Palavras-chave: resistências, poder, agonismo.*

*Abstract*

*The article presents is an analyses interested in the critical dimension of Michel Foucault's works, highlighting his agonistic approach to the actual and multiple power relations in which men live and resist. By the Foucaultian analytics of power, and through his concepts of art of living and politics, it is possible to establish notions of power, resistance and political struggle that problematize the traditional concepts and practices of political engagement centered in the belief of individual autonomy.*

*Keywords: resistances, power, agonism.*

*Recebido para publicação em 21 de março de 2012. Confirmado em 13 de abril de 2012.*